

CORREIO BRAZILIENSE

Danyella Proença faz as pazes com a cidade natal no premiado curta Braxília

RD Ricardo Daehn

postado em 12/12/2010 08:00 / atualizado em 12/12/2010 02:29



Danyella Proença ao lado do poeta Nicolas Behr, na premiação do festival: uma homenagem a Brasília

(foto: Antonio Cunha/Esp.CB/D.A Press)

Vira e mexe, a soridente cineasta Danyella Proença, com o metro e meio de corpo, ouve a comparação: “Você parece uma boneca”. Expansiva e entusiasmada — depois de

rompida a casca de desconfiança que ela assume cultivar —, aos 26 anos, a brasiliense se adianta em desfazer o equívoco da fragilidade, possível para uma filha única tão dedicada aos estudos e à poesia. “As pessoas acham que não cabe muita força, pela minha imagem de placidez, mas sou um turbilhãozinho: trago comigo uma inquietação e o desejo de me expressar”, demarca.

Nesse afã, Danyella agregou metáforas visuais e a natural imaginação ao “tempo meio ansioso e frenético” do poeta Nicolas Behr, dando forma ao curta-metragem Braxília, que arrebatou, na recente 43ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, os troféus Candango de melhor roteiro, júri popular e prêmio especial do júri.

Para Danyella, o filme sacramentou “as pazes” feitas com a cidade natal. Quando ainda cursava jornalismo, o regresso de uma longa viagem feita a São Paulo (diante de greve na UnB) sacudiu a perspectiva da então estudante. “Passei por uma crise, por causa da ausência das pessoas nas ruas e entrei numas de que em Brasília só contava com chegadas e partidas, com os itinerários previamente estipulados. Absorvi a mesma crise que o Nic revela no que escreve”, analisa.

Sob a interferência do “generoso olhar” de Behr, Proença conta que, agora, entende “a função dos espaços vazios que pontuam o respiro para a cidade”. Relacionar personagens com espaço é algo intrínseco à diretora, a começar pelas preferências por que vão de Wim Wenders a Akira Kurosawa, passando por Wong-Kar Wai e pelos brasileiros Karim Aïnouz e Walter Salles.

O tempo da imagem

O arrebatamento causado por Lavoura arcaica, visto aos 17 anos, também redefiniu parâmetros cinematográficos. A substancial poética visual do diretor Luiz Fernando Carvalho (ao lado de textos de Pier Paolo Pasolini e de Luis Buñuel) foi dos elementos mais pesquisados para o mestrado em comunicação, imagem e som que ela, recentemente, concluiu. “Eles somaram ao meu repertório o entendimento de respeitar o tempo da imagem, de não se render à montagem acelerada. O tempo na tela serve para que o sentido das coisas se revele, numa linha de metáforas, de acatar o que não é dito, com o timing dos silêncios. É claro, porém, que nem tudo isso está no Braxília, até porque não se trata de uma receita de bolo”, comenta.

Esboçada em apenas uma noite/madrugada, para a monografia na área jornalística, a

primeira versão do roteiro de Braxília veio numa jorrada. “Foi meio que psicografado, pelo meu defeito de ser uma procrastinadora crônica. Mas, a verdade é que o impacto da poesia do Nicolas Behr já estava em mim”, conta. Num processo que durou seis anos, o filme testou uma das maiores qualidades da realizadora: a perseverança. “Se eu coloco a alma num projeto, pode contar, que eu vou”, reforça.

Por enquanto, enquadrada na linha documental — “mas só quando ela vem diluindo algumas fronteiras de narrativa” —, a diretora ainda não pretende encarar o gênero da ficção, apesar de já contar com algumas ideias. Fiel à pontuação “mais lúdica e solta” de Braxília, Danyella Proença adianta que, atenta à poesia marginal dos anos 1970 e 1980, possivelmente fará algo para o audiovisual em torno do Concerto Cabeças.

“Fiz o recorte sobre o Nicolas, mas minha pesquisa foi muito ampla. Pretendo mostrar a efervescência que foi aquele momento de celebração, onde vários artistas trocavam muitas experiências. Era tudo muito mambembe e bacana e foi uma iniciativa que marcou toda uma geração”, observa. Forjado naquela época, o Liga Tripa, por sinal, se fez presente indiretamente em Braxília, uma vez que musicou Travessia do Eixão (Nonato

Veras e Nicolas Behr), acoplada em gravação da Legião Urbana à fita.

Abstração musical

Curiosamente, a música foi capítulo à parte no curta-metragem com trilha especialmente composta por Dado Villa-Lobos, e que balançou a diretora, para além do corriqueiro sacolejo em danças como frevo, coco, ciranda e maracatu, que animaram Danyella, nas rodas e pistas, por mais de cinco anos. O trabalho com Dado foi colaborativo. “Com minhas referência abstratas, eu me comunicava com ele, por e-mail e skype. Arriscava, às vezes, a pedir ‘alguma coisa meio Kraftwerk’, e, em outros momentos, ‘coisas mais Sex Pistols’. Até ousava um ‘tenta mais percussão’ (risos). O mais inesperado foi que ele dizia: ‘Estamos na mesma sintonia’”, diverte-se.

“Cansada e feliz” — o ano de 2010 foi consumido por filme, detalhes do mestrado e o trabalho no Ministério das Comunicações —, Danyella Proença monta, como planos imediatos, a alimentação do blog que ela mantém e “assistir à novela das oito, por um ano”, entrega, aos risos. Desde já, a realidade, porém, é outra: na fila profissional está a edição de um livro infantil, sob o título Nunu e a fada canção, a ser ilustrado com as “delicadas imagens” da artista plástica

Luciana Paiva.

“Nele, a personagem subverte os objetos que encontra, na linha do que o Manoel de Barros descreveu com o poema Desobjeto”, revela, ao falar das fabulações de Nunu. Com os pés firmes nos projetos e a coragem da exposição, Danyella Proença, definitivamente, parece interessada em contestar a ultrapassada sentença da melhor amiga gaúcha: “Guria, tu tens que sair da concha —, tu és uma ostra!”. 

Os comentários não representam a opinião do jornal e são de responsabilidade do autor.

As mensagens estão sujeitas a moderação prévia antes da publicação